



**SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

www.suframa.gov.br

Clipping Local e Nacional On-line

Nesta edição 10 matérias

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, domingo, 20 de março de 2011

O ESTADO DE SÃO PAULO

Dilma cobra de Obama suspensão de barreiras 1
VEICULAÇÃO NACIONAL

O ESTADO DE SÃO PAULO

Governo estuda dobrar área de floresta plantada 3
VEICULAÇÃO NACIONAL

O ESTADO DE SÃO PAULO

Indústria enfrenta alta de custos, mas tem dificuldade em repassar para preços 4
VEICULAÇÃO NACIONAL

O ESTADO DE SÃO PAULO

Matéria-prima subiu mais no início do ano 5
VEICULAÇÃO NACIONAL

FOLHA DE SÃO PAULO

Obama diz ter 'apreço' por Brasil na ONU 6
VEICULAÇÃO NACIONAL

FOLHA DE SÃO PAULO

Dilma tem aval igual ao melhor início de Lula 8
VEICULAÇÃO NACIONAL

FOLHA DE SÃO PAULO

Presidentes firmam acordo para destravar o comércio bilateral 10
VEICULAÇÃO NACIONAL

O GLOBO

Obama promete ajuda para Copa e Olimpíadas 11
VEICULAÇÃO NACIONAL

O GLOBO

Dilma irá negociar também com chefes de Estado dos Bric 13
VEICULAÇÃO NACIONAL

O GLOBO

Empresas ampliam envio de lucros do Brasil 14
VEICULAÇÃO NACIONAL

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO		EDITORIA
	TÍTULO Dilma cobra de Obama suspensão de barreiras		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

No primeiro dia de visita, presidente americano ouve pedidos de 'relação comercial mais justa' com Brasil

Em nome da "franqueza" e para construir "relação de maior profundidade", a presidente Dilma Rousseff disse ao presidente dos EUA, Barack Obama, que uma relação comercial mais justa exige "que sejam rompidas as barreiras que se erguem contra nossos produtos". Ao lado do americano em seu primeiro dia de visita ao Brasil, Dilma citou "etanol, carne bovina, algodão, suco de laranja e aço". Dilma lembrou que estavam juntos a primeira mulher presidente do Brasil e o primeiro "afrodescendente" presidente dos EUA. Ela reivindicou a inclusão do País como membro permanente do Conselho de Segurança da ONU, com o argumento de que "um mundo mais multilateral produzirá benefícios para a paz entre os povos". Já Obama disse que os EUA pretendem ser "grandes clientes" do petróleo brasileiro.

Dilma cobra de Obama fim de barreiras comerciais

Em discurso no Palácio do Planalto, presidente do Brasil coloca questão como necessária para haver uma relação mais justa e equilibrada entre os dois países

Tânia Monteiro e Denise ChrisPIM Marin

BRASÍLIA - Em nome da "franqueza" e para construir "uma relação de maior profundidade", a presidente Dilma Rousseff disse neste sábado, 19, ao presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, no pronunciamento conjunto dos chefes de Estado após reunião reservada no Palácio do Planalto, que uma relação comercial mais justa e equilibrada exige "que sejam rompidas as barreiras que se erguem contra nossos produtos". Obama, por sua vez, citou a consolidação democrática no Brasil e enfatizou o crescimento econômico brasileiro ao afirmar que não foi coincidência a escolha do País como a primeira parada em seu périplo pela América Latina.

Dilma agradeceu a "gentileza" da visita, "logo no início" de seu governo e fez questão de se apresentar como herdeira do governo do "querido companheiro Luiz Inácio Lula da Silva, com quem tive a honra de trabalhar." A presidente citou "o legado" de inclusão social do ex-presidente Lula e lembrou que, no Planalto, estavam juntos a primeira a mulher

eleita no Brasil e o primeiro presidente dos EUA "afrodescendente".

Crise mundial. Dilma cobrou, de maneira explícita, reformas nos organismos de governança global, como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial (Bird), e se disse preocupada com a "lentidão" do processo que mantém as instituições como representantes de "um mundo antigo".

Ao citar as Nações Unidas e o Conselho de Segurança, a presidente brasileira fez questão de dizer porque o Brasil disputa um lugar como membro permanente no órgão. "Aqui, senhor presidente, não nos move o interesse menor da ocupação burocrática de espaços de representação. O que nos mobiliza é a certeza que um mundo mais multilateral produzirá benefícios para a paz e harmonia entre os povos."

Ela reconheceu que foram feitos progressos, desde a crise financeira de 2008-2009, mas considerou as mudanças ainda são "limitadas e tardias". A brasileira ressaltou que crê na retomada econômica americana.

Ditadura x democracia. Obama, que aproveitou parte do pronunciamento conjunto para falar da decisão dos EUA de aprovar a reação militar na Líbia, ressaltou a importância da consolidação democrática no Brasil e a atuação de Dilma Rousseff no combate à ditadura no País.

O presidente dos Estados Unidos enfatizou que o Brasil dá importantes sinais de crescimento econômico, passando de "receptor a doador" de recursos internacionais.

"O crescimento extraordinário do Brasil tem chamado a atenção do mundo todo, graças ao sacrifício de pessoas como a presidente Rousseff. O Brasil saiu da ditadura para a democracia e é uma das nações que mais crescem no mundo. Hoje, os Estados Unidos e o Brasil são as maiores democracias desse continente e também as maiores economias", afirmou Obama.

Em relação ao petróleo, o presidente dos EUA disse que seu país está interessado em ser "um grande cliente" do Brasil no futuro.

Bem-humorado, Obama citou ainda a necessidade de cooperação entre os países para a Copa do Mundo de 2014

e a Olimpíada de 2016, mas disse que ainda lamenta o fato de Chicago ter perdido a disputa com o Rio de Janeiro para sediar os jogos olímpicos.

Empresários. Após o encontro no Planalto, Dilma e Obama participaram do encerramento do 4.º Fórum de CEOs Brasil-Estados Unidos. "Esta visita é uma grande oportunidade para inaugurarmos mais um capítulo de nossa parceria, adequando-a às realidades e desafios do século 21. É motivo de grande honra para mim que esse encontro ocorra nos primeiros meses do meu governo e, mais ainda, no contexto da primeira viagem oficial do presidente Obama à América do Sul", disse a presidente Dilma.

Brindes. Os dois chefes de Estado participaram, ainda, de almoço no Palácio do Itamaraty, com autoridades e políticos dos dois países. No brinde, Dilma reafirmou o compromisso de buscar "a erradicação da pobreza extrema no Brasil". Obama agradeceu a presidente brasileira e reforçou o interesse dos Estados Unidos em ajudar o Brasil em quaisquer circunstâncias.

Vegetariano, Obama teve um cardápio especial. De Brasília, o presidente Barack Obama embarcaria no início da noite para o Rio de Janeiro, onde visitará neste domingo, 20, o Cristo Redentor e fará um discurso reservado no Theatro Municipal. De Brasília, Obama segue para o Chile.

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO		EDITORIA
	TÍTULO Governo estuda dobrar área de floresta plantada		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Governo planeja duplicar área de florestas plantadas no País em 10 anos

Marta Salomon

Ainda com dificuldades para conter a extração ilegal de madeira de florestas nativas para a produção de lenha e carvão, o governo planeja transformar o País em uma "potência florestal" comercial no período de uma década, segundo estudo que circula de forma restrita na Esplanada, acompanhado de uma minuta de decreto a ser assinado pela presidente Dilma Rousseff.

O estudo coordenado pela Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE), a que o Estado teve acesso, planeja mais do que dobrar a área de florestas plantadas no País: de 6,7 milhões de hectares para 15 milhões. Com isso, a participação dos produtos de origem florestal - de papel a painéis de madeira e resíduos para a produção de energia - no mercado internacional poderia mais do que triplicar, atuais US\$ 7 bilhões, baseados sobretudo em celulose, para até US\$ 25 bilhões, estima o estudo.

O Brasil tem a segunda maior área de floresta do planeta, perdendo no ranking mundial apenas para a Rússia. Mas suas florestas plantadas equivalem a menos da décima parte da área plantada na China. No território nacional, sua proporção não alcança 1%. O grupo de trabalho coordenado pela SAE enxergou nos dados uma oportunidade, estimulada pela alta produtividade de florestas plantadas aqui, superior à dos EUA, um dos líderes do comércio internacional.

O plano de transformar o Brasil em "potência florestal" conta com a liberação de mais terras ocupadas atualmente pela pecuária de baixa produtividade, além de áreas já degradadas, que não são usadas para outro tipo de cultivo. A disponibilidade de terras poderia chegar a 70 milhões de

hectares nos próximos anos. A Região Centro-Oeste seria o principal foco da expansão das florestas plantadas, mais concentradas hoje no Sudeste.

Licenciamento. Ao mesmo tempo que aponta fartura de terras, o estudo mostra obstáculos ao projeto de "potência florestal". Um dos principais seria o processo de licenciamento ambiental para o plantio de florestas. A proposta do grupo de trabalho é equiparar as florestas plantadas a outras atividades do agronegócio e dispensar o licenciamento para o plantio em áreas de até 1 mil hectares.

As metas são mais ambiciosas do que as previstas no Plano Nacional de Mudanças Climáticas para substituir o uso de carvão mineral e vegetal de origem ilegal nas siderúrgicas, por exemplo. E poderiam contar com o estímulo da venda de créditos de carbono no mercado internacional porque as plantações capturam gases de efeito estufa lançados na atmosfera e podem produzir energia mais limpa.

Um dos exemplos destacados no documento Diretrizes para a Estruturação de uma Política Nacional de Florestas Plantadas trata da geração de energia elétrica por centenas de pequenas usinas térmicas movidas a diesel na Amazônia. A conta, distribuída pelos consumidores do país, é estimada em R\$ 6 bilhões por ano. Mas o diesel poderia ser substituído por biomassa de madeira, defende o grupo de trabalho.

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO		EDITORIA
	TÍTULO Indústria enfrenta alta de custos, mas tem dificuldade em repassar para preços		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Concorrência com importados leva empresas a bancar o aumento dos gastos, segurando a inflação, mas diminuindo a competitividade

Márcia De Chiara

Fabricantes de eletrodomésticos, eletroportáteis, veículos e máquinas chegam ao fim do primeiro trimestre do ano numa encruzilhada. De um lado, enfrentam fortes aumentos de custos, que vão do reajuste de salários acima da inflação à alta dos preços das matérias-primas de até 20%. De outro, continuam pressionados pela concorrência dos importados.

O resultado desse jogo de forças é que as indústrias não conseguem repassar integralmente o aumento de custos para os preços ao consumidor. Isso põe um pouco de água na fervura da inflação. Mas também reduz a competitividade e a rentabilidade da indústria. "Desde 2008, antes da crise, não tínhamos tantos aumentos de custos simultaneamente", observa um empresário da indústria que não quer ser identificado. Um dos vilões são as resinas plásticas, usadas em eletrodomésticos e carros, cujos preços subiram 20% este mês.

Na lista de aumentos de custos também estão o aço e alumínio, com 10%; o cobre, que subiu 25% desde outubro de 2010; os pneus, que serão reajustados em 10% em abril; e as embalagens de papelão ondulado, com aumentos de preços entre 6% e 7% previstos para abril ou maio.

Os empresários perdem o sono com os reajustes porque não têm como driblá-los. Exceto os salários dos trabalhadores, os demais preços são formados no mercado externo. E, para complicar, há matérias-primas concentradas em poucos fabricantes.

"A maioria das 11,7 mil empresas do setor de plásticos são pequenas e médias e têm dificuldade para repassar os

aumentos de custo da resina", diz o presidente da Abiplast, José Ricardo Roriz Coelho. Em contrapartida, o fornecedor da resina é um só.

Tremor. Rui Chammas, vice-presidente da Braskem, que comprou a Quattor e produz resinas plásticas, diz que elevou os preços, mas não confirma o percentual. Segundo ele, a alta do petróleo pressionou a indústria química e de derivados. Mas pondera que, após o tremor no Japão, o cenário de preços é incerto.

O movimento de alta se repete no aço. "As siderúrgicas começaram a retirar os descontos na faixa de 10% por causa da entrada do aço importado", diz o ex-presidente do Inda, que reúne os distribuidores de aço, Christiano da Cunha Freire. A Usiminas, por exemplo, reajustou entre 5% a 10% os preços este mês.

Os fabricantes de veículos dizem que têm contratos de longo prazo com as siderúrgicas. Mas acabam tendo de aceitar indiretamente aumentos quando compram as autopeças, que adquirem aço dos distribuidores.

Rinaldo Siqueira Campos, presidente da associação que reúne importadores de produtos para veículos, diz que está difícil segurar a alta de preços dos pneus. O motivo é que, em seis meses, o preço da borracha dobrou.

Por causa da competição entre montadoras, a Anfavea informa que as pressões de custos não têm sido repassadas aos carros, cujos preços recuaram 1,2% em 12 meses entre 2010 e 2011.

"Está muito difícil repassar os aumentos de custos", diz Paulo Coli, vice-presidente da Latina, que produz lavadoras. No seu caso, o maior obstáculo é a formação de grandes conglomerados, após as recentes fusões no varejo de eletrodomésticos.

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO		EDITORIA
	TÍTULO Matéria-prima subiu mais no início do ano		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Preços aumentaram quase 3% até março, cerca de um terço da alta de 8,8% em 12 meses apontada nos dados do Índice de Preços por Atacado, da FGV

Márcia De Chiara

Os preços no atacado das matérias-primas usadas pela indústria subiram no ano, até março, quase 3%, cerca de um terço da alta de 8,8% registrada nos últimos em 12 meses, apontam os dados do Índice de Preços por Atacado (IPA) da Fundação Getúlio Vargas.

"Há uma aceleração maior nos preços das matérias-primas usadas pela indústria neste início de ano", observa o coordenador de Análises Econômicas da FGV, Salomão Quadros. O grupo matérias-primas para manufatura é um bom termômetro de custos da indústria porque reúne preços de diversos setores, como siderurgia, metais, resinas plásticas, produtos químicos e embalagens de papelão, entre outros.

No caso das embalagens de papelão, o reajuste captado pelo IPA no ano até este mês é muito pequeno (0,16%), perto da variação das resinas plásticas no mesmo período (5,02%). Mas já há sinalizações de alta no mercado.

"Vamos precisar aumentar entre 6% e 7% os preços das embalagens de papelão ondulado em abril ou maio. Se não fizermos, vamos ter um buraco", conta Sérgio Amoroso, presidente do Grupo Orsa, uma das gigantes do setor. Ele explica que, apesar dos aumentos de custos de mão de obra (7,5%), energia (11%) e frete (15%), ele vinha mantendo os preços das embalagens porque a cotação da apara, insumo básico, tinha recuado. Mas, nos últimos meses, pressionada pelo alta nos preços da mão de obra para catar, separar e transportar o produto, a cotação da apara saiu de R\$ 300 e

foi para R\$ 400 a tonelada, e forçou a necessidade de reajustes das embalagens.

Quadros, da FGV, diz que é pouco provável que esses aumentos de custos nas etapas de produção da indústria se transformem em inflação para o consumidor. O economista aponta dois fatores que ajudam a segurar o repasse. O primeiro é a forte concorrência dos produtos importados. O segundo fator é que a indústria vem de uma fase de recuperação de preços, depois do baque sofrido com a crise financeira internacional.

Portanto, as empresas ainda teriam algum fôlego para absorver aumentos sem repassá-los. "Só a partir do segundo semestre de 2010 os preços das matérias-primas começaram a se equiparar aos níveis pré-crise."

Competitividade. Braulio Borges, economista-chefe da LCA Consultores, observa que é difícil afirmar que há redução de competitividade na indústria em razão de aumentos de custos porque não se sabe ao certo o tamanho das margens. Ele lembra que na crise de 2008, mesmo com o recuo dos preços das matérias-primas, as indústrias não reduziram o preço ao consumidor.

Além da competição dos importados, Borges acrescenta outro fator que, na sua opinião, estaria inibindo os repasses: ritmo menor de crescimento do consumo interno. No primeiro bimestre deste ano, a demanda interna percebida pela indústria de bens de consumo caiu 2,5% ante o último trimestre de 2010, descontado o efeito sazonal, diz a FGV.

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO		EDITORIA
	TÍTULO Obama diz ter 'apreço' por <u>Brasil</u> na ONU		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Ao chegar ao Brasil para uma visita ofuscada pela intervenção militar na Líbia, o presidente dos EUA, Barack Obama, prometeu atuar para que o Conselho de Segurança da ONU seja mais "representativo" e manifestou "apreço à aspiração" brasileira de obter um assento permanente no órgão.

A declaração foi celebrada pelo Itamaraty, mas o Planalto esperava um apoio mais explícito, como o que Obama deu à Índia em 2010.

Na visita, a presidente Dilma reconheceu esforços dos EUA para sair da crise financeira, mas atacou efeitos das medidas de retomada em outros países.

Obama diz ter "apreço" por aspiração do Brasil na ONU

Presidente é recebido por Dilma em Brasília e ouve cobranças sobre barreiras

Tom de apoio a uma vaga permanente no Conselho de Segurança fica abaixo do que o Itamaraty aguardava

NATUZA NERY

DA BRASÍLIA

PATRÍCIA CAMPOS MELLO

ENVIADA ESPECIAL A BRASÍLIA

Em sua primeira visita ao Brasil, iniciada ontem, o presidente dos EUA, Barack Obama, manifestou "apreço à aspiração" da diplomacia brasileira de ter um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU.

Mas a declaração ficou aquém do que esperava o Itamaraty: apoio categórico.

"O presidente Obama manifestou apreço à aspiração do Brasil de tornar-se membro permanente do Conselho de Segurança", diz o comunicado conjunto dele e da presidente Dilma Rousseff.

A diplomacia brasileira chegou a comparar cada palavra do comunicado com a frase proferida pelo mandatário em sua visita à Índia em novembro do ano passado, quando concedeu apoio mais explícito à mesma pretensão daquele país.

"Nos próximos anos, os Estados Unidos esperam ver um Conselho de Segurança da ONU reformado que inclua a Índia como membro permanente", disse, à época.

De qualquer forma, a declaração de ontem foi a sinalização mais forte até aqui de Washington sobre o tema.

O assessor internacional da Presidência, Marco Aurelio Garcia, assegurou que não há frustração por parte do Brasil. "Essa é uma questão complicada para eles [americanos]", disse.

COBRANÇAS

Obama chegou ontem de manhã acompanhado da mulher, Michelle, das duas filhas e da sogra. O Brasil é a primeira parada de um giro pela América do Sul que incluirá Chile e El Salvador. À noite ele seguiu para o Rio.

Nas declarações dadas à imprensa ao lado de Obama, Dilma carregou nas cobranças ao colega americano.

Criticou indiretamente a política monetária americana que, segundo ela, vem causando uma valorização exagerada do real ao injetar **dólares** na economia -muitos quais, chegam ao Brasil.

"Se queremos construir uma relação de maior profundidade, é preciso também, com a mesma franqueza, tratar das nossas contradições", disse.

Os EUA esperavam apoio do Brasil para pressionar a China a valorizar sua moeda, mas acabaram ouvindo críticas. "Este processo desgasta as

boas práticas econômicas e empurra países para ações protecionistas", disse Dilma, incomodada com as barreiras impostas a produtos como carnes, suco de laranja, algodão, aço e etanol.

Obama, em compensação, anunciou em discurso a 400 empresários brasileiros que tem interesse em

adquirir petróleo do pré-sal brasileiro. "Como a instabilidade afeta o preço do petróleo em muitas partes do mundo, os EUA estarão felizes de ter o **Brasil** como fornecedor".

Colaborou ANA FLOR, DE BRASÍLIA

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO		EDITORIA
	TÍTULO Dilma tem aval igual ao melhor início de Lula		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Pesquisa Datafolha mostra que 47% dos brasileiros aprovam o início do governo de Dilma Rousseff, taxa igual ao recorde de Lula no começo do segundo mandato. A margem de erro é de dois pontos percentuais.

No início da era Lula, brasileiros apontavam desemprego (31%), fome e miséria (22%) como maiores problemas. Hoje são saúde (31%) e violência (16%). O Datafolha fez 3.767 entrevistas em 179 cidades.

Dilma iguala popularidade de Lula em início de governo

Presidente é aprovada por 47%, diz Datafolha; antecessor teve 48% em 2007

Taxa de aprovação a Dilma supera as de Collor, Itamar e FHC; para 23%, presidente favorece os políticos

FERNANDO RODRIGUES

DE BRASÍLIA

A presidente Dilma Rousseff é aprovada por 47% dos brasileiros, segundo pesquisa Datafolha realizada nos dias 15 e 16 deste mês.

Com essa taxa de popularidade, iguala-se ao recorde registrado por Luiz Inácio Lula da Silva nesta mesma época no segundo mandato de seu antecessor no Planalto.

Lula teve 43% de aprovação no terceiro mês de seu primeiro mandato, em março de 2003. Depois, bateu um recorde de aprovação presidencial em início de governo em março de 2007, com 48%.

A margem de erro da pesquisa é de dois pontos percentuais para mais ou para menos. Ou seja, Dilma com seus 47% hoje se iguala tecnicamente aos 48% de Lula em 2007. Desta vez, o instituto entrevistou 3.767 pessoas em 179 municípios.

Dilma supera em popularidade todos os antecessores de Lula, segundo o Datafolha, quando se considera esta fase inicial do mandato.

O instituto faz pesquisas nacionais desde 1990. Em junho daquele ano (a posse então era em março), Fernando Collor tinha 36% de aprovação. Itamar Franco, que assumiu após o processo de impeachment de Collor, teve 34% depois de três meses.

Fernando Henrique Cardoso, eleito em 1994 e reeleito em 1998, no início de seus governos teve aprovação de 39% e 21%, respectivamente.

Na pesquisa divulgada hoje, o Datafolha registra 7% que consideram a gestão de Dilma ruim ou péssima. Outros 34% a classificam como regular. Há também 12% que não souberam opinar.

DIFERENÇAS

Há poucos aspectos negativos para Dilma no levantamento. Mas há alguns sinais que a diferenciam de Lula.

Quando o Datafolha indagou aos entrevistados sobre quem são os mais favorecidos no governo Dilma, no topo da lista, com 23%, aparecem os políticos -apesar de a presidente ter tido um comportamento mais duro com o Congresso em relação ao antecessor. Os trabalhadores vêm a seguir, com 17%. No mesmo patamar estão indústria (14%) e bancos (13%).

Lula, em 2003, exalava uma imagem diferente: para 31%, os mais beneficiados pelo antecessor de Dilma eram os trabalhadores. Em seguida, vinham a agricultura (20%) e os políticos (13%).

Outro aspecto diferente entre Dilma e Lula aparece quando os entrevistados são instados a dizer, de maneira espontânea, quais são os maiores problemas do país.

Há oito anos, sob Lula, os brasileiros apontavam o desemprego (31%), a fome e a miséria (22%) como os maiores problemas do país. Hoje, estão no topo da lista a saúde (31%) e a violência (16%).

Tal como Lula, Dilma tem maior taxa de aprovação no Nordeste. Mas não há a grande assimetria muitas vezes registrada no passado.

Entre os nordestinos, Dilma tem 50% de aprovação. No Sul, Norte e no Centro-Oeste, sua marca é 44%. No Sudeste, 47%. Quando o entrevistado dá uma nota de zero a dez, a média obtida por Dilma é 6,9. Mas ela tem 7,3 no Nordeste e 6,6 no Sul.

A presidente tem sempre enfatizado seu interesse em priorizar a educação. Um comercial federal na TV exaltou nas últimas semanas os feitos na área, que acabou sendo percebida como a de melhor desempenho da petista.

Primeira mulher a ocupar o Planalto, Dilma tem aprovação maior (51%) entre as brasileiras do que entre os brasileiros (43%).

A expectativa dos eleitores em relação a Dilma é grande. Para 78% ela fará um governo ótimo ou bom - uma taxa maior do que a de Lula no início do primeiro mandato (76%) e superior à de FHC no mesmo período (48%).

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO		EDITORIA
	TÍTULO Presidentes firmam acordo para destravar o <u>comércio</u> bilateral		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

DE BRASÍLIA

DA ENVIADA A BRASÍLIA

Representantes dos governos do Brasil e dos Estados Unidos assinaram ontem um acordo para destravar o comércio entre os dois países, conforme adiantou a Folha.

O tratado de cooperação econômica e comercial (Teca, na sigla em inglês) cria uma comissão bilateral que tem entre seus objetivos mais gerais "reduzir as barreiras não tarifárias e os subsídios que distorcem o comércio".

O Itamaraty comemorou o acordo porque, a partir de agora, não precisará negociar diretamente apenas com o escritório do representante de comércio dos EUA, e sim com diversas agências.

"O instrumento será muito útil para negociar retirada de barreiras não tarifárias sobre as carnes brasileiras", disse uma fonte do governo.

Nas palavras de um empresário, na prática é um conselho que se reúne periodicamente, pega uma lista de problemas e tenta resolver.

"O tratado não elimina nenhuma barreira, nem subsídio, mas é muito importante porque vai forçar o diálogo sobre todos pontos que precisam ser resolvidos na relação

econômica", diz Gabriel Rico, presidente da Câmara Americana de Comércio.

A comissão terá uma lista de temas a serem objeto de discussão entre os representantes dos países.

Entre esses tópicos estão o direito de propriedade intelectual, comércio de serviços, assuntos regulatórios que afetem o comércio e a "facilitação e liberalização do comércio e dos investimentos bilaterais".

Ao todo, dez acordos, parcerias e memorandos de entendimento foram assinados. Um deles na área de biocombustíveis para aviação, para intercâmbio de especialistas.

Também ficou acertada a permissão no aumento no número de voos do Brasil para os EUA.

Foram assinados ainda acordo de educação e cooperação de eventos esportivos, entre outros.

(BRENO COSTA E PATRÍCIA CAMPOS MELLO)

	VEÍCULO O GLOBO		EDITORIA
	TÍTULO Obama promete ajuda para Copa e Olimpíadas		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Governo Dilma assina dez acordos com os Estados Unidos

Na primeira viagem ao Brasil, o presidente dos EUA, Barack Obama, assumiu o compromisso de ajudar na organização da Copa de 2014 e das Olimpíadas de 2016 no Rio. Obama subiu a rampa do Palácio do Planalto às 10h30m, passou em revista às tropas dos Dragões da Independência e foi recebido pela presidente Dilma

Rousseff. Antes do encontro dos chefes de Estado, dez acordos de cooperação foram assinados pelo ministro das Relações Exteriores do Brasil, Antônio Patriota, e o representante do **Comércio** norte-americano, Ron Kirk. O acordo sobre eventos esportivos prevê visitas a cidades que já sediaram competições e capacitação de mão de obra. Outro acordo cria comissão para negociar questões comerciais e tentar reduzir barreiras não tarifárias e subsídios. Na comitiva chegaram a primeira-dama, Michelle, as filhas, Malia e Sasha, a sogra de Obama e uma amiga dela.

Um inédito gesto de apreço

Obama demonstra simpatia por Brasil ocupar vaga no Conselho de Segurança da ONU

Demétrio Weber, Patrícia Duarte, Evandro Éboli, Gerson Camarotti e Roberto Maltchik

E na primeira viagem do presidente Barack Obama ao Brasil, os Estados Unidos, pela primeira vez, manifestaram apreço pela aspiração brasileira de ter assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas, bem como pela ideia da reforma do órgão mais **importante** da ONU. O gesto americano faz parte da declaração conjunta de Obama e da presidente Dilma Rousseff. No Palácio do Planalto, embora não seja um apoio formal, a declaração foi comemorada como um avanço significativo em relação a posições passadas do governo americano.

Existia expectativa do governo de que, além do texto formal, Obama também fizesse de improviso declaração sobre tema. No texto, os americanos reconhecem a pretensão do Brasil de participar do Conselho de Segurança, dentro do projeto de reformulação do colegiado, formado hoje por

apenas cinco membros permanentes: EUA, China, Rússia, França e Reino Unido.

A ideia foi dar à declaração um tom semelhante à feita por Obama na Índia sobre o mesmo tema, ainda que não seja tão incisivo quanto ao apoio. Os termos da declaração foram fechados na madrugada de ontem, por volta de 2h. A diplomacia brasileira ficou entusiasmada com o resultado do texto porque, até a poucos dias do encontro, havia resistência dos americanos a abordar o assunto.

Obama também assumiu ainda o compromisso de ajudar o país na organização da Copa de 2014 e nas Olimpíadas em 2016, no Rio. Com temas diplomáticos dominando a agenda de conversas entre os dois países, incluindo a situação da Líbia, os dois governos assumiram dez atos nas áreas de cooperação econômica, comercial, pesquisa e ciência e tecnologia.

Acordo para facilitar comércio

A chegada de Obama no Planalto, prevista para às 10h, atrasou. Seu comboio, sempre acompanhado por helicópteros das Forças Armadas, parou em frente ao palácio às 10h27m. Obama passou em revista a tropa dos Dragões da Independência, que formam a Guarda Presidencial. Às 10h30m subiu a rampa para se encontrar com Dilma. Foi recebido na entrada do Planalto por Dilma e o chanceler Antonio Patriota.

Os Estados Unidos, que já sediaram os dois eventos, vão cooperar com o planejamento e a segurança da Copa de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016 no Rio, segundo memorando de entendimento sobre cooperação para apoiar a organização de grandes eventos esportivos mundiais assinado entre os governos brasileiro e americano ontem de manhã, antes do encontro dos dois presidentes. Os acordos foram assinados pelo ministro das Relações Exteriores do Brasil, Antonio Patriota, e o representante do **Comércio** Estados Unidos, Ron Kirk.

Pelo acordo, poderão ser planejadas visitas a cidades que sediaram recentemente eventos dessa natureza, promovidas parcerias público-privadas em apoio aos preparativos para os eventos e criadas missões de **comércio** e exposições comerciais no Brasil e nos EUA para

empreendimentos comerciais afins. O memorando prevê a capacitação de mão de obra, a partir de programas de ensino de inglês e de treinamento técnico-profissional.

Os países, em comunicado, informam que "a cooperação enfocará planejamento e **desenvolvimento** estratégico, infraestrutura, segurança, apoio ao turismo e à hospitalidade e empreendimentos comerciais para o benefício de todos os cidadãos em qualquer nível da sociedade, de forma ambientalmente sustentável, como parte da condução dos eventos".

Assinaram ainda um acordo de **comércio** e cooperação econômica, conhecido pela sigla em inglês (Teca). Esse acordo cria uma comissão para negociar questões comerciais e resolver divergências entre os dois países, facilitando a troca de informações e a "remoção de obstáculos desnecessários ao **comércio** bilateral e ao investimento, particularmente no campo regulamentar." A comissão foi criada para atender demanda de empresários dos dois países.

O texto do acordo frisa que o objetivo é facilitar o **comércio** entre os dois **mercados**, reduzindo as barreiras não tarifárias e os subsídios, o "que destorce o **comércio**". A comissão deverá se reunir uma vez um por ano ou quando

combinado, com e encontros realizados alternadamente entre **Brasil** e EUA. A comissão será copresidido por representantes dos **Ministérios** das Relações Exteriores e do **Desenvolvimento** do **Brasil** e por representantes do USTR, escritório comercial do governo americano. Outros acordos foram nas área de transportes aéreos e educação.

Obama chegou em Brasília pouco antes das 7h30m. O Air Force One pousou na Base Aérea da capital. A bordo, além de Obama, estavam a primeira-dama, Michelle, as filhas do casal, Malia e Sasha, a sogra de Obama, Marian Robinson, uma amiga, e a comitiva oficial. Ele ficou pouco tempo no aeroporto. Uma limusine o levou para um hotel em Brasília, com a mulher. As filhas seguiram em outro carro. A Praça dos Três Poderes foi fechada e não havia populares no local. Os poucos que apareceram ficaram no Supremo Tribunal Federal, bem longe e sem poder ver Obama chegar ao Planalto.

	VEÍCULO O GLOBO	EDITORIA	
	TÍTULO Dilma irá negociar também com chefes de Estado dos Brics		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Presidente viajará para tratar de temas como reforma das Nações Unidas, guerra cambial e direitos humanos

Eliane Oliveira

BRASÍLIA. Passada a visita do presidente Barack Obama ao Brasil, a presidente Dilma Rousseff se prepara para dar passos mais largos na política externa. Sob pressão de empresários e trabalhadores, Dilma estará na China em abril, num momento em que as relações com os chineses nunca estiveram tão conturbadas. Ela aproveitará a viagem para participar de uma reunião de chefes de Estado dos Brics (bloco formado por Brasil, Rússia, Índia e China), na qual tentará buscar posições comuns frente aos grandes temas internacionais: a reforma das Nações Unidas, a situação no Norte da África, a Rodada de Doha, na Organização Mundial do **Comércio** (OMC), guerra cambial, os direitos humanos e a delicada discussão sobre desarmamento nuclear são exemplos.

O jurista, diplomata e diretor da Faculdade de Economia da Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), Rubens Ricupero, tem uma visão crítica da política externa de Dilma.

- Tudo ainda é muito incerto. A presidente dá entrevistas sobre direitos humanos, demonstrando um diferencial em relação ao governo Lula. Em seguida, o **Brasil** se abstém em uma votação **importante** no Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Em sua opinião, o **Brasil** precisaria rediscutir a relação não só com a China, mas também com países como a Argentina. Lembrou que, embora o governo brasileiro tenha se comprometido a reconhecer a economia chinesa como de

mercado, o país asiático, mais de cinco anos depois, não cumpriu o que prometeu em termos de abertura de **mercado** para empresas brasileiras. Já os argentinos continuam baixando medidas protecionistas que prejudicam **exportadores**.

O diretor de relações internacionais e **comércio** exterior da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), Roberto Giannetti da Fonseca, afirma que Dilma pisa em terreno delicado:

- O **Brasil** tem um paradoxo: é um grande fornecedor de commodities, mas **importa** manufaturados em uma concorrência desleal que prejudica a indústria brasileira. Se o governo Dilma estiver trabalhando pelo interesse nacional, tratará de forma defensiva nossa relação com os Brics. Não dá para destruir empregos, fechar indústrias e tornar a inflação galopante.

Ainda que a visita de Obama não tenha se transformado na reunião dos sonhos de qualquer presidente brasileiro, a presença do líder americano, por si só, assegura a Dilma cacife em relação a outros atores no cenário mundial. Entre as razões apontadas, uma delas é a promoção, "a custo zero", do Rio de Janeiro, cidade **importante** para a Copa de 2014 e sede das Olimpíadas de 2016.

	VEÍCULO O GLOBO		EDITORIA
	TÍTULO Empresas ampliam envio de lucros do Brasil		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Remessa de firmas americanas aumenta oito vezes desde 2004, chegando a US\$4,124 bilhões no ano passado

Henrique Gomes Batista

Chegou a hora da colheita. Depois de fazer, em toda a História, pesados investimentos no Brasil, empresas americanas ampliaram, nos últimos anos, a remessa de lucros e dividendos para suas matrizes. Se em 2004 o envio de recursos dos resultados era de US\$522 milhões, no ano passado o volume chegou a US\$4,124 bilhões, uma alta de 690% em seis anos. Para especialistas, este é um fenômeno que veio para ficar, e a tendência é que as operações brasileiras se tornem um importante gerador de caixa para as sedes das grandes corporações.

O volume de 2010 só foi inferior ao registrado em 2008, quando, no auge da crise financeira global, as empresas enviaram US\$6,358 bilhões aos Estados Unidos. Mas

esse era um momento de crise e as empresas precisavam dar liquidez às empresas que não conseguiam se financiar no sistema bancário americano, esto PIM da crise global. Naquele ano, os Estados Unidos investiram no Brasil US\$7,047 bilhões. Ou seja, as remessas representaram 90% do volume dos investimentos.

Em 2004, a remessa representava 17% dos investimentos. Nos últimos dois anos, depois do "boom" de 2008, as remessas ficaram na casa dos 60% dos investimentos. No ano passado, representou 66% dos US\$6,204 bilhões investidos.